



Conhecimentos e usos de plantas medicinais em escola do campo na Amazônia brasileira¹

Laila Mayara Drebes²

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) - Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0681-238X>

Geovane Bezerra de Sousa³

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) - Brasil

<https://orcid.org/009-0005-7439-3358>

Resumo: Levando em consideração a importância dos conhecimentos populares sobre as plantas medicinais nos contextos amazônicos, sobretudo para os camponeses, e a possibilidade de seu uso pedagógico para a promoção de uma educação contextualizada e articuladora entre escola e realidade social, o presente artigo se propõe a analisar os conhecimentos da comunidade escolar sobre plantas medicinais e seus usos no âmbito da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, localizada no município de Anapu, sudoeste do estado do Pará. Trata-se de uma pesquisa-ação conduzida no curso Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino Médio, entre março de 2022 e fevereiro de 2023, com aplicação de questionários junto a 35 estudantes e suas famílias. Notou-se a relevância da inserção das plantas medicinais no processo de ensino-aprendizagem escolar como estratégia para combater a amnésia biocultural a respeito dessa parte da memória do campesinato amazônida.

Palavras-chave: Amazônia. Educação do campo. Maconha. Plantas medicinais. Memória biocultural.

Conocimientos y usos de plantas medicinales en una escuela rural de la Amazonia brasileña

Resumen: Teniendo en cuenta la importancia del conocimiento popular sobre plantas medicinales en los contextos amazónicos, especialmente para los campesinos, y la posibilidad de su uso pedagógico para promover una educación contextualizada que articule entre la escuela y la realidad social, este artículo tiene como objetivo analizar los conocimientos de la comunidad escolar sobre plantas medicinales y sus usos en el ámbito de la Casa Familiar Rural Dorothy Stang, ubicada en el municipio de Anapu, suroeste del estado de Pará. Se trata de una investigación-acción realizada en el curso de Técnico Agropecuario concomitante a la Enseñanza Media, entre marzo de 2022 y febrero de 2023, aplicándose cuestionarios a

¹ Recebido em: 28/12/2024. Aprovado em: 17/04/2026.

² Doutora em Extensão Rural, professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Marabá-PA, Brasil. E-mail: drebes.laila@unifesspa.edu.br

³ Licenciado em Educação do Campo, ênfase em Ciências Agrárias e da Natureza, pela Faculdade de Educação do Campo (Fecampo) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: geovanebezerra832@gmail.com

35 estudantes y sus familias. Se señaló la relevancia de incluir plantas medicinales en el proceso de enseñanza-aprendizaje escolar como estrategia para combatir la amnesia biocultural respecto a esta parte de la memoria del campesinado amazónico.

Palabras-clave: Amazonia. Educación rural. Marihuana. Plantas medicinales. Memoria biocultural.

Knowledge and uses of medicinal plants in a rural school in the Brazilian Amazonia

Abstract: Taking into account the importance of popular knowledge about medicinal plants in Amazonian contexts, especially for peasants, and the possibility of its pedagogical use to promote contextualized education that connects school and social reality, this article aims to analyze the knowledge of the school community about medicinal plants and their uses within the scope of the Dorothy Stang Rural Family Home, located in the municipality of Anapu, southwest of the state of Pará. This is an action research conducted in the Agricultural Technician course concurrent with High School, between March 2022 and February 2023, with the application of questionnaires to 35 students and their families. The relevance of including medicinal plants in the school teaching-learning process was noted as a strategy to combat biocultural amnesia regarding this part of the memory of the Amazonian peasantry.

Keywords: Amazonia. Rural education. Marijuana. Medicinal plants. Biocultural memory.

INTRODUÇÃO

O potencial medicinal das plantas chamou a atenção da humanidade há milênios, principalmente em espaços de ampla biodiversidade vegetal. Conforme Almeida (2011), a origem do conhecimento sobre as plantas medicinais confunde-se com a própria história, pois surgiu à medida que os seres humanos tentavam, empiricamente, empregar espécies vegetais para curar-se.

Entende-se por planta medicinal “qualquer vegetal produtor de drogas ou de substâncias bioativas utilizadas, direta ou indiretamente, como medicamento” (Pires, 1984, p. 65). De maneira complementar, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) explica que as plantas medicinais são aquelas capazes de aliviar ou curar enfermidades e que têm tradição de uso como remédio por certos grupos populacionais. Para usá-las como remédio é preciso conhecê-las e saber como colhê-las e prepará-las, sendo que, na maioria das vezes, são utilizadas como chás, isto é, infusões (Anvisa, 2020). É importante salientar que a eficácia do uso das plantas medicinais na saúde humana vem sendo testada e comprovada cientificamente há muitos anos (Balick; Cox, 1997).

No contexto da Amazônia, Santos (2000, p. 924) explica que as tradições populares do uso de plantas medicinais consistem em uma confluência de permanências e rupturas culturais “estabelecidas desde os primeiros contatos intertribais e interétnicos e consolidadas no entrecruzamento das principais matrizes presentes no processo de

formação do povo brasileiro”. Com isso, o autor sublinha a relevância da herança indígena, africana, europeia e mesmo outras heranças étnicas na constituição dos saberes populares sobre as plantas medicinais.

Como explicado por Vásquez, Mendonça e Noda (2014), os povos camponeses da Amazônia são detentores de um conjunto de saberes populares sobre plantas medicinais, aplicado em sua própria realidade para a promoção da saúde e da sobrevivência. Considerando o vasto território da Amazônia e a existência de áreas rurais de difícil acesso, onde o alcance dos serviços de saúde é precário, as plantas medicinais, por vezes, são os únicos medicamentos à disposição para prevenir e tratar doenças ou, ainda, aliviar seus sintomas.

Contudo, como problematizado por Carneiro, Silveira e Gomes (2016), a preservação dos saberes populares acerca das plantas medicinais é atualmente ameaçada por uma multiplicidade de fatores, entre os quais é possível citar o avanço cultural dos ideários industriais e urbanos sobre o campesinato, o uso generalizado de medicamentos sintéticos e as dificuldades existentes no processo de transmissão dos saberes populares entre as gerações.

Diante disso, os autores acreditam que a instituição escolar pode desempenhar um papel significativo para auxiliar na preservação de tais saberes, o que pode ocorrer por meio de um ensino contextualizado, em que as crianças e os adolescentes percebam a importância da proteção de sua cultura, por meio, por exemplo, da valorização dos saberes populares sobre as plantas medicinais (Carneiro; Silveira; Gomes, 2016).

Conforme Kovalski e Obara (2013), no ensino de ciências é consenso a importância de promover o diálogo com a valorização dos saberes que as crianças e os adolescentes possuem de suas próprias realidades. Para as autoras, “a valorização do conhecimento popular que os alunos trazem sobre as plantas medicinais potencializa o interesse destes sobre os conhecimentos científicos a serem trabalhados sobre o tema” (Kovalski; Obara, 2013, p. 911).

Além disso, Magalhães-Fraga e Oliveira (2010), afirmam que a criação de hortas de plantas medicinais nas escolas não só estreita a relação com o meio ambiente, num exercício de cidadania e interdisciplinaridade, como é um espaço de exercício da democracia, à medida em que toda a comunidade escolar (estudantes, familiares, professores, funcionários etc.) é mobilizada pelo seu processo de implantação. A horta

de plantas medicinais pode ser um espaço de ricas possibilidades de atividades pedagógicas, facilitadoras de processos de ensino-aprendizagem.

Outrossim, também é importante destacar que as hortas de plantas medicinais têm se mostrado promissores espaços pedagógicos para o ensino de ciências no contexto das escolas do campo, como casas familiares rurais e escolas-família agrícola, por exemplo. Como mostram os estudos de Oliveira e Freixo (2019) e Zetóles e Trazzi (2020), as plantas medicinais fazem parte da realidade dos camponeses, sendo um interessante tema gerador para a articulação entre os saberes populares e os saberes científicos.

Levando em consideração a importância dos saberes populares sobre as plantas medicinais nos contextos amazônicos, principalmente para os camponeses, e a possibilidade de seu uso pedagógico para a promoção de uma educação contextualizada e articuladora entre escola e realidade social, o presente artigo se propõe a analisar os conhecimentos da comunidade escolar sobre plantas medicinais e seus usos no âmbito da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, localizada no município de Anapu, região sudoeste do estado do Pará.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo é derivado de um trabalho de conclusão de curso orientado pela autora e elaborado pelo coautor, no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo, com ênfase em Ciências Agrárias e da Natureza, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Tal trabalho foi desenvolvido no decorrer das pesquisas socioeducacionais que configuram os chamados “tempos comunidade” do curso de Licenciatura em Educação do Campo, que funciona em regime de alternância pedagógica⁴.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa-ação conduzida na Casa Familiar Rural Dorothy Stang, em Anapu-PA, no período de março de 2022 a fevereiro de 2023, envolvendo as turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do curso Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino Médio, totalizando 35 estudantes, sendo 15

⁴ A Pedagogia da Alternância consiste numa metodologia de organização do ensino escolar, muito utilizada pela Educação do Campo, que conjuga diferentes experiências formativas distribuídas ao longo de tempos e espaços distintos, articulando teoria e prática e alternando entre a escola e a unidade de produção familiar, comunidade rural, acampamento ou assentamento do estudante (Teixeira; Bernartt; Trindade, 2008; Ribeiro, 2008).

meninos e 20 meninas, na faixa etária de 14 a 18 anos, todos residentes em áreas rurais de Anapu e de municípios vizinhos.

De acordo com Thiollent (1986), a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica, que é realizada em estreita associação com uma ação coletiva na qual os pesquisadores e os pesquisados estão envolvidos de modo participativo. Uma das particularidades da pesquisa-ação consiste na interconexão entre os objetivos “prático” e “científico”. Enquanto o objetivo científico busca obter informações capazes de aumentar o conhecimento sobre determinada situação-problema, o objetivo prático procura auxiliar no desenvolvimento de ações transformadoras da realidade. Nesse sentido, a pesquisa-ação também é uma forma de engajamento sociopolítico a serviço das causas dos grupos populares.

Tal pesquisa-ação foi estruturada em duas partes desenvolvidas de maneira articulada, que para melhor compreensão, convencionamos denominar de “parte científica” e de “parte prática”, em alusão à definição de Thiollent (1986).

A parte científica consistiu na aplicação de um questionário aos estudantes e suas famílias, focado nos conhecimentos populares dessa comunidade escolar sobre as plantas medicinais e seus usos. Tal questionário contava com um total de 15 perguntas, sendo 4 fechadas e 11 abertas. Importante destacar que a elaboração das perguntas, a aplicação do questionário e a socialização das respostas fizeram parte do processo de ensino-aprendizagem das turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do curso Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino Médio da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, que também funciona em regime de alternância pedagógica.

Dessa maneira, o tema gerador das plantas medicinais foi introduzido durante um tempo escola, tendo como uma das atividades do processo de ensino-aprendizagem a elaboração do questionário a ser aplicado às famílias dos estudantes. No tempo comunidade subsequente, ocorreu a aplicação do questionário com as famílias da comunidade escolar, sendo que tal aplicação foi realizada pelos próprios estudantes em suas residências. No tempo escola seguinte, os estudantes trouxeram os questionários respondidos e socializaram as descobertas com o coletivo.

Com as informações coletadas na “parte científica” da pesquisa-ação foi possível subsidiar o desenvolvimento da “parte prática”, que consistiu em uma intervenção pedagógica sobre a importância dos saberes populares para o uso das plantas medicinais na realidade camponesa. Essa intervenção pedagógica foi realizada de maneira

interdisciplinar nas turmas do curso Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino Médio da Casa Familiar Rural Dorothy Stang e contou com diversas atividades, dentre as quais a implementação de uma horta de plantas medicinais junto à horta de olerícolas que a escola já possuía.

No presente trabalho, nos concentramos em sistematizar e discutir os dados obtidos na “parte científica” da pesquisa-ação, oriundos da aplicação dos questionários com as famílias dos 35 estudantes das turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do curso Técnico em Agropecuária concomitante ao Ensino Médio.

CONHECIMENTOS DA COMUNIDADE ESCOLAR DA CASA FAMILIAR RURAL DOROTHY STANG SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E SEUS USOS

Empregando a chave de leitura de Toledo e Barrera-Bassols (2008), é possível compreender que os conhecimentos e usos das plantas medicinais por parte das famílias camponesas amazônicas integrantes da comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang constituem a memória biocultural desse grupo social, desvelando as relações por eles estabelecidas com a natureza no decorrer da história.

De acordo com os autores, a memória biocultural pode ser compreendida como um conjunto histórico e dinâmico de conhecimentos, práticas, crenças e valores construídos por sociedades tradicionais (como camponeses e indígenas) na interação com seus territórios. Essa memória, individual e coletiva, resulta da coevolução entre diversidade biológica e cultural, englobando saberes ecológicos, sistemas agrícolas, classificações locais da natureza, cosmologias e formas de manejo que orientam o uso dos elementos da natureza. Trata-se de uma memória da espécie humana, um patrimônio vivo, constantemente atualizado, transmitido entre gerações e ancorado em territórios específicos (Toledo; Barrera-Bassols, 2008). Nas palavras dos autores, a memória biocultural refere-se a

essas sabedorias localizadas, que existem como “consciências históricas comunitárias”, quando consideradas em sua totalidade, operam como a sede principal das memórias da espécie; e são, por conseguinte, o “hipocampo do cérebro” da humanidade, o reservatório mnemônico que permite a toda espécie animal adaptar-se continuamente a um mundo complexo e em permanente mudança. (Toledo; Barrera-Bassols, 2008, p. 27, tradução nossa).⁵

⁵ Originalmente em espanhol: *Estas sabidurías localizadas que existen como «conciencias históricas comunitarias», una vez conjuntadas en su totalidad, operan como la sede principal de los recuerdos de la especie; y son, por consecuencia, el hipocampo del cerebro» de la humanidad, el reservorio nemotécnico*

Contudo, como explicado por Veiga Junior (2008), no Brasil, diferentemente dos Estados Unidos e de países asiáticos e europeus, dispomos de poucos dados elucidativos dos costumes de uso de plantas medicinais, mesmo elas sendo comumente utilizadas pela maior parte da população, principalmente em algumas regiões, como a Amazônia.

Na Casa Familiar Rural Dorothy Stang, em Anapu-PA, a utilização de plantas medicinais faz parte da realidade cotidiana das famílias dos estudantes. Dos 35 estudantes que responderam ao questionário, juntamente com suas famílias, 100% afirmaram saber o que é uma planta medicinal e 97,14% asseguraram utilizar plantas medicinais. De maneira semelhante, Cintra (2018), em estudo desenvolvido em uma escola de Franca-SP, sobre uma horta de plantas medicinais implantada com estudantes do ensino fundamental, com o propósito de disseminar e incentivar seus usos, descobriu que 90% da comunidade escolar entrevistada utilizava plantas medicinais diariamente no preparo de chás e condimentos.

Sendo parte da memória biocultural desses camponeses, a utilização das plantas medicinais deriva, dentre outras vias, majoritariamente de saberes populares obtidos no processo de socialização junto às famílias e às comunidades. Conforme Machado *et al.* (2017), o uso de plantas medicinais é reflexo do modo de vida e da cultura dos povos tradicionais, como os camponeses, pois é o resultado do processo de acúmulo de conhecimentos obtidos em sua relação com a natureza com o passar do tempo. Os mais jovens aprendem a usar as plantas medicinais com os mais antigos e é assim que se dá (ou não) a perpetuação dessa parte do modo de vida e da cultura camponesa.

Os dados coletados com a comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang reforçam os achados científicos do estudo de Machado *et al.* (2017) e de outros, como o de Amorozo (2002) e Vásquez, Mendonça e Noda (2014), pois as famílias dos estudantes explicaram que o emprego de plantas medicinais na realidade cotidiana vem do aprendizado intergeracional, com os “antepassados”, com “os avós que falaram que as plantas medicinais têm o poder de cura”, com “a experiência dos pais”, consolidando-se em “uma cultura que a família tem”. O estudo de Cintra (2018), em uma escola de Franca-SP, apontou que 72% dos estudantes aprenderam a utilizar as plantas medicinais com seus familiares.

que permite a toda especie animal adaptarse continuamente a un mundo complejo que cambia de manera permanente.

Nesse processo de socialização familiar e comunitária, onde o conhecimento sobre as plantas medicinais e seus usos é passado oralmente e de forma prática de geração para geração, as figuras femininas das famílias camponesas, principalmente a “vó” e a “mãe” receberam especial destaque no contexto da Casa Familiar Rural Dorothy Stang. Veiga Júnior (2008), ao estudar os modos de uso das plantas medicinais pela população da região centro-norte do Rio de Janeiro, também identificou a tendência de o conhecimento sobre o preparo das plantas medicinais estar concentrado entre as mulheres: normalmente são elas que preparam os alimentos e, também, preparam os chás e outros preparos à base de plantas. Segundo o autor, “quando perguntados sobre quem prepara as plantas medicinais na família, 44,5% dos pesquisados responderam que são as mulheres, cabendo a apenas 5,7% dos homens a mesma tarefa” (Veiga Júnior, 2008, p. 310).

Ao serem questionadas sobre os motivos de utilizarem plantas medicinais, as famílias dos estudantes da Casa Familiar Rural Dorothy Stang destacaram os benefícios dos princípios ativos nelas contidos para a promoção da saúde e para o tratamento de doenças, principalmente por meio de preparos como “banhos”, “chás”, “garrafadas”, “melados” e “pomadas”. Cabe destacar que tais preparos não consistem em medicamentos fitoterápicos, pois estes, apesar de também serem obtidos a partir de plantas medicinais, possuem rígido controle e padrão farmacêutico, sendo caracterizados pelo conhecimento de sua eficácia e de seus riscos (Brasil, 2006).

Estudos como os de Newall, Anderson e Phillipson (2002), Di Stasi e Hiruma-Lima (2002), Veiga Júnior (2008) e Magalhães e Borba (2020) corroboram a tendência de uso das plantas medicinais diante da percepção de problemas de saúde e demonstram que os grupos populares tendem a utilizar diversas partes das plantas medicinais (desde folhas, flores, sementes, caules, raízes etc.), principalmente consumidas como chás derivados de processo de infusão ou decocção.

Outro motivo destacado pela comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang foi que as plantas medicinais, por serem obtidas na natureza, são mais atrativas para o uso na saúde humana do que os medicamentos industrializados, como destacado em um dos questionários: “As plantas medicinais são muitas das vezes melhor que os remédios da farmácia, elas são puras”. Nesse aspecto, os relatos coletados também apontam que os estudantes da Casa Familiar Rural Dorothy Stang e seus familiares consideram as plantas medicinais mais vantajosas do que os

medicamentos industrializados porque, se empregadas corretamente, “não têm efeitos colaterais”. O estudo de Badke *et al.* (2021) também identificou que o uso das plantas medicinais costuma estar relacionado à procura por alternativas que possuam menos efeitos colaterais para o tratamento das doenças.

Todavia, vale sublinhar a percepção da comunidade escolar sobre o “emprego correto” das plantas medicinais. Como destacado por diversas pesquisas, como a de Newall, Anderson e Phillipson (2002), Di Stasi e Hiruma-Lima (2002) e Magalhães e Borba (2020), os grupos populares têm conhecimento de que o consumo excessivo e/ou incorreto de plantas medicinais apresenta potencial de intoxicação e que certas plantas medicinais não devem ser consumidas por gestantes, por exemplo.

Outro ponto levantado pela comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang foi que as plantas medicinais não implicam em “gasto desnecessário de dinheiro”, evidenciando que o viés econômico também é importante e justifica seu uso. Para os estudantes e suas famílias, as plantas medicinais são “medicamentos de baixo custo”. Muitos relataram que as plantas medicinais que utilizam vêm dos quintais de suas casas ou da floresta encontrada nos arredores.

Nesse sentido, Veiga Júnior (2008) explica que as populações de países mais pobres tendem a utilizar as plantas medicinais não apenas por tradição, mas também pela ausência de alternativas econômicas viáveis. Em somatório, estudos como o de Badke *et al.* (2021) e de Flor e Barbosa (2015), ressaltam que os medicamentos industriais apresentam alto custo se comparados às plantas medicinais, que podem ser obtidas gratuitamente na natureza ou mesmo serem cultivadas pela população em suas próprias residências.

A partir dos questionários, foi possível perceber que as plantas medicinais são empregadas para fins diversos, como: “aliviar gripe”, “cicatrizar ferimentos”, tratar “cortes e juntas quebradas” e “dores de estômago”. Flor e Barbosa (2015), em estudo realizado em comunidade rural no município de Marapanim-PA, identificaram que as plantas medicinais eram utilizadas para o tratamento de diversas enfermidades, com destaque para a gripe. Na visão das famílias camponesas da comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, as plantas medicinais “aliviam dores pouco a pouco”.

Foram inúmeras as plantas medicinais que as famílias camponesas dos estudantes da Casa Familiar Rural Dorothy Stang citaram dispor em casa e fazer uso. Inclusive alguns questionários citavam várias espécies, evidenciando que a maioria das

famílias fazia uso de mais de 3 plantas medicinais, pelo menos. No Quadro 1 abaixo, é apresentada uma síntese das plantas utilizadas pelos estudantes e suas famílias, especificando a frequência com que foram mencionadas nos questionários.

Quadro 1 – Plantas medicinais utilizadas pelas famílias da comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, Anapu – PA.

Nome comum	Gênero*	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Açafrão**	<i>Curcuma sp.</i>	3	8,57
Alecrim	<i>Rosmarinus sp.</i>	1	2,86
Alfavaca**	<i>Ocimum sp.</i>	4	11,43
Alho**	<i>Allium sp.</i>	5	14,29
Algodão	<i>Gossypium sp.</i>	4	11,43
Almeirão-roxo	<i>Lactuca sp.</i>	2	5,71
Amora**	<i>Morus sp.</i>	2	5,71
Andiroba*	<i>Carapa sp.</i>	2	5,71
Arnica**	<i>Solidago sp.</i>	2	5,71
Arruda**	<i>Ruta sp.</i>	3	8,57
Artemisia**	<i>Artemisia sp.</i>	1	2,86
Babosa**	<i>Aloe sp.</i>	4	11,43
Boldo**	<i>Plectranthus sp.</i>	8	22,86
Camomila**	<i>Matricaria sp.</i>	3	8,57
Canela	<i>Cinnamomum sp.</i>	2	5,71
Capim-santo	<i>Cymbopogon sp.</i>	7	20,00
Copaíba**	<i>Copaifera sp.</i>	3	8,57
Cravo**	<i>Syzygium sp.</i>	1	2,86
Cumarú	<i>Dipteryx sp.</i>	2	5,71
Erva-cidreira	<i>Melissa sp.</i>	1	2,86
Erva-doce**	<i>Foeniculum sp.</i>	3	8,57
Gengibre**	<i>Zingiber sp.</i>	5	14,29
Hortelã**	<i>Mentha sp.</i>	4	11,43
Maconha	<i>Cannabis sp.</i>	4	11,43
Manjerição	<i>Ocimum sp.</i>	3	8,57
Marupazinho**	<i>Eleutherine sp.</i>	1	2,86
Mastruz	<i>Dysphania sp.</i>	6	17,14
Melão São Caetano**	<i>Momordica sp.</i>	1	2,86
Menta**	<i>Mentha sp.</i>	3	8,57

* Como não foi realizada a identificação botânica das plantas medicinais citadas nos questionários, apresentamos apenas a sua classificação taxonômica por gênero (não adentrando em termos de espécie).

** Plantas cujo gênero consta na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde (ReniSUS).

Fonte: elaboração própria, 2024.

O Quadro 1 reúne 29 plantas medicinais citadas pela comunidade escolar. Considerando-se apenas o gênero taxonômico, foi possível notar que 19 delas, isto é,

65,52%, integram a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde (ReniSUS), que identifica espécies de plantas com potencial terapêutico para utilização pelo SUS (Ministério da Saúde, 2009).

Ainda conforme o Quadro 1, das 29 plantas citadas pela comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, boldo (22,86%), capim-santo (20,00%), mastruz (17,14%), alho (14,29%) e gengibre (14,29%) foram mencionadas com maior frequência nos questionários.

As famílias da comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang utilizam o boldo em forma de chá para o tratamento de problemas digestivos, como cólica estomacal, vômito (provocado pela ingestão exagerada de bebidas alcoólicas), gases e outros. Já o capim-santo é consumido como chá com fins calmantes. As famílias camponesas também empregam o chá da planta para controle de pressão arterial e tratamento de dores de artrite. Além do chá, o capim-santo também é utilizado no preparo de banhos para promoção de alívio muscular. O gengibre, por sua vez, é adicionado em sucos de frutas ou é utilizado no preparo de chá para ingestão ou para gargarejo, auxiliando no combate a gripes e dores de garganta. Outra planta medicinal mencionada com recorrência foi o mastruz, muito utilizado na forma de chá ou batido com leite. As famílias camponesas afirmam que a planta tem poder cicatrizante e, portanto, a empregam no tratamento de úlceras, gastrite e reumatismo.

Também chama atenção o dado do Quadro 1 referente ao uso da maconha como planta medicinal por parte de 11,43% das famílias dos estudantes da Casa Familiar Rural Dorothy Stang (mesmo percentual de uso da alfavaca, do algodão, da babosa e da hortelã).

No Brasil, apesar de a maconha ser considerada uma droga ilícita em virtude dos efeitos alucinógenos provocados pela substância química tetrahidrocanabinol ou simplesmente THC, contemporaneamente seu potencial medicinal vem sendo reconhecido e reivindicado em virtude do avanço de experimentos que apontam para as propriedades terapêuticas de outra de suas substâncias químicas: o canabidiol ou CBD (Gontiés; Araújo, 2003).

Pesquisas evidenciam que o canabidiol possui potencial para tratamento de sintomas de enfermidades diversas, principalmente relacionadas ao sistema nervoso central, como autismo, Alzheimer, epilepsia, fibromialgia, Parkinson, transtornos de ansiedade e outras. Contudo, os interditos e os tabus acerca da maconha persistem, pois

apesar da recente autorização da fabricação, importação e utilização medicinal do canabidiol, a maconha continua sendo considerada uma droga ilícita cujo plantio, mesmo que para consumo próprio, é considerado ilegal (Castro; Fraga, 2021).

Nesse sentido, é possível que um maior número de famílias da comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang faça uso da planta medicinal, mas não se sinta confortável para informar. Além do mais, é interessante refletir sobre o fato dessas famílias camponesas disporem da espécie vegetal para fins medicinais. Não havendo consenso sobre como se deu a introdução do uso da maconha no Brasil, uma das hipóteses⁶ desenvolvidas pelos historiadores é que essa espécie exótica teria sido introduzida por meio de populações indígenas/originárias na Amazônia a partir de seu contato com outras populações indígenas/originárias da América Latina, utilizando a maconha medicinalmente no preparo de chás e pós e empregando-a em cerimônias religiosas (Gontiés; Araújo, 2003). Dessa maneira, o cultivo e o uso medicinal da maconha, sobretudo na forma de chás, como foi mencionado pelos estudantes da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, seria parte dos hábitos socialmente construídos pelas populações do território.

Para Hazekamp *et al.* (2007), embora fumar maconha seja de longe a forma mais comum de seu uso, existe um grupo significativo de pessoas que consomem a maconha medicinalmente na forma de infusão, isto é, de chá, ao qual são atribuídas diversas propriedades terapêuticas e profiláticas. Em países como a Jamaica, por exemplo, o chá de maconha é consumido até mesmo por crianças e idosos.

Diante dessa diversidade de conhecimentos e usos das plantas medicinais pelas famílias camponesas amazônidas integrantes da comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, em Anapu-PA, percebe-se a importância do combate à amnésia biocultural relativa às plantas medicinais. Nos termos de Toledo e Barrera-Bassols (2008), a amnésia biocultural consiste em uma ameaça à memória das sociedades rurais tradicionais, como os camponeses e os indígenas, resultando na incapacidade de recordar seus processos históricos imediatos e os de médio e longo prazo, provocando a perda de incontáveis conhecimentos em virtude do avanço dos fenômenos da modernidade que impulsionam a racionalidade econômica de acumulação, centralização e concentração de riquezas.

⁶ Outra hipótese é que a maconha teria sido introduzida no Brasil no formato de fumo por meio da vinda dos escravos africanos (Gontiés; Araújo, 2003).

No caso dos conhecimentos e usos de plantas medicinais, essa amnésia biocultural é facilmente percebida por meio da crescente utilização de medicamentos industrializados em substituição aos preparos à base de plantas medicinais. Nesse sentido, cabe mais uma vez ressaltar a importância estratégica da escola enquanto instituição de socialização capaz de incorporar nos processos de ensino-aprendizagem o fomento à memória biocultural do campesinato na Amazônia brasileira.

CONCLUSÃO

Levando em consideração a importância dos saberes populares sobre as plantas medicinais nos contextos amazônicos, principalmente para os camponeses, e a possibilidade de seu uso pedagógico na promoção de uma educação contextualizada e articuladora entre escola e realidade social, o presente artigo teve como objetivo analisar os conhecimentos da comunidade escolar sobre plantas medicinais e seus usos no âmbito da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, localizada no município de Anapu, região sudoeste do estado do Pará.

Os dados indicam que 100% das famílias dos estudantes sabem o que são plantas medicinais e 97,14% fazem uso delas para a promoção da saúde e para o tratamento de doenças por meio de preparos como “banhos”, “chás”, “garrafadas”, “melados” e “pomadas”. Essas famílias camponesas amazônicas consideram que as plantas medicinais, se utilizadas de forma correta, são melhores do que os medicamentos industrializados, pois ao contrário destes, não provocam efeitos colaterais e podem ser obtidas gratuitamente na natureza.

A diversidade dos conhecimentos e dos usos das plantas medicinais é resultado, sobretudo, do processo de socialização dos camponeses junto à família e à comunidade, integrando a memória biocultural desse campesinato amazônico. Vale ressaltar que as mulheres, principalmente mães e avós, têm especial importância nesse processo de transmissão dos conhecimentos e dos usos das plantas medicinais entre gerações, por meio da oralidade e da prática.

No total, 29 tipos de plantas medicinais foram citados pelas famílias dos estudantes da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, sendo que a maioria das famílias faz uso de mais de três plantas medicinais. Além disso, 65,52% dessas plantas integram a Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao Sistema Único de Saúde (ReniSUS). No contexto estudado, merecem destaque boldo (22,86%), capim-santo

(20,00%), mastruz (17,14%), alho (14,29%) e gengibre (14,29%), as quais foram mencionadas com maior frequência nos questionários, assim como a maconha, empregada medicinalmente por 11,43% das famílias dos estudantes da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, isto é, o mesmo percentual de uso da alfavaca, do algodão, da babosa e da hortelã.

Diante dessa diversidade de conhecimentos e usos das plantas medicinais pelas famílias camponesas amazônicas integrantes da comunidade escolar da Casa Familiar Rural Dorothy Stang, em Anapu-PA, percebe-se a importância do combate à amnésia biocultural relativa às plantas medicinais. Sendo assim, incluir as plantas medicinais no processo de formação escolar de jovens camponeses é fundamental para estimular a passagem de seus conhecimentos e usos entre as gerações, preservando essa parte da memória biocultural do campesinato amazônica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Z. **Plantas Medicinais**. 3 ed. Salvador: EDUFBA, 2011.

AMOROZO, Maria C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI-STASI, Luiz C. **Plantas Medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 47-67.

ANVISA. **Medicamentos fitoterápicos e plantas medicinais**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/medicamentos/fitoterpicos>. Acesso em: 31 jan. 2023.

BADKE, Márcio. R. *et al.* Saber popular: uso de plantas medicinais como forma terapêutica no cuidado à saúde. In: DAL MOLIN, Rossano S. **Teoria e Prática de Enfermagem: da atenção básica à alta complexidade**. Guarujá, SP: Científica Digital, 2021. p. 189-200. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcio-Badke-2/publication/351236780_SABER_POPULAR_USO_DE_PLANTAS_MEDICINAIS_COMO_FORMA_TERAPEUTICA_NO_CUIDADO_A_SAUDE/links/615cef9c50be55072887d441/SABER-POPULAR-USO-DE-PLANTAS-MEDICINAIS-COMO-FORMA-TERAPEUTICA-NO-CUIDAD O-A-SAUDE.pdf. Acesso em: 08 jun. 2024.

BALICK, Michael J.; COX, Paul A. Ethnobotanical research and traditional health care in developing countries. **Medicinal plants for forest conservation and health care**, v. 92, p. 12-23, 1997. Disponível em: <https://www.nybg.org/files/scientists/mbalick/Ethnobotanical%20Research%20and%20Traditional%20Health%20Care%20in%20Developing%20Countries.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2024.

BRASIL. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Ministério da Saúde: Brasília, DF, 2006. Disponível em: https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_fitoterapicos.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

CARNEIRO, Marcílio S.; SILVEIRA, Andréa P.; GOMES, Vaneicia S. Comunidade rural e escolar na valorização do conhecimento sobre plantas medicinais. **Biotemas**, v. 29, n. 2, p. 89-99, jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7925.2016v29n2p89>. Acesso em: 31 jan. 2023.

CASTRO, Marcus V.; FRAGA, Paulo C. P. Redes de usuários-cultivadores de maconha no Brasil: relações dissidentes com as regras formais e informais. **Cultura y droga**, v. 26, n. 31, p. 118-138, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://revistasojs.ucaldas.edu.co/index.php/culturaydroga/article/view/5214/4713>. Acesso em: 26 dez. 2024.

CINTRA, Simone A. M. **Implantação e uso de horta medicinal na escola**. 2018. 36 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Ensino de Ciências) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, PR, 2018. Disponível em: <https://riut.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/22117>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DI STASI, Luiz C.; HIRUMA-LIMA, Clélia A. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica**. 2 ed. São Paulo: Edito Unesp, 2002. Disponível em: <https://permacoletivo.files.wordpress.com/2008/05/medicinais-da-amazonia-e-mata-atlantica.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

FLOR, Alessandra S. S. O.; BARBOSA, Wagner L. R. Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do Bairro do Sossego no distrito de Marudá-PA. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 17, n. 4, p. 757-768, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/5X6gZSNb7rjgd7mLWQsrTZm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jun. 2024.

GONTIÈS, Bernard; ARAÚJO, Ludgleydson F. Maconha: uma perspectiva histórica, farmacológica e antropológica. **Mneme**, v. 4, n. 7, p. 47-63, fev./mar. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/164/154>. Acesso em: 26 dez. 2024.

HAZEKAMP, Arno; BASTOLA, Krishna; RASHIDI, Hassan; BENDER, Johan; VERPOORTE, Rob. Cannabis tea revisited: A systematic evaluation of the cannabinoid composition of cannabis tea. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 113, p. 85-90, 2007. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378874107002401?via%3Dihub>. Acesso em: 26 dez. 2024.

KOVALSKI, Mara L.; OBARA, Ana T. O estudo da etnobotânica de plantas medicinais na escola. **Ciência e Educação**, v. 19, n. 4, p. 911-927, 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ciedu/v19n04/v19n04a09.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MACHADO, Marina A. B. *et al.* Plantas medicinais, características e usos: um estudo no contexto da Educação do Campo. **Facit Business and Technology Journal**, v. 2, n. 1, p. 31-54, 2017. Disponível em: <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/179/180>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MAGALHÃES, Marta S.; BORBA, Mônica P. **Mulheres e as ervas da Amazônia: saberes ancestrais e atuais**. São Paulo: Instituto 5 Elementos, 2020. Disponível em: <https://5elementos.org.br/wp-content/uploads/2020/11/Mulheres-e-as-Ervas-da-Amazonia.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2023.

MAGALHÃES-FRAGA, Sandra A. P.; OLIVEIRA, Maria F. S. Escolas fitoparceiras: saúde, ambiente e educação através das plantas medicinais. **Revista Fitos**, v. 5, n. 1, p. 46-58, mar. 2010. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/iciict/16031/23.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS**. 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sectics/plantas-medicinais-e-fitoterapicos/pnmpmf/arquivos/2017/renisus1.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2024.

NEWALL, Carol A.; ANDERSON, Linda A.; PHILLIPSON, J. David. **Plantas Medicinais: guia para profissional de saúde**. São Paulo: Premier, 2002.

OLIVEIRA, José F. C.; FREIXO, Alexandra A. Contribuições de um herbário escolar para o ensino de ciências no contexto da Educação do Campo. **Revista Eletrônica da FAINOR**, v. 12, n. 2, p. 386-403, mai./ago. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333883555_CONTRIBUICOES_DE_UM_HERBARIO_ESCOLAR_PARA_O_ENSINO_DE_Ciencias_NO_CONTEXTO_DA_EDUCACAO_DO_CAMPO. Acesso em: 31 jan. 2023.

PIRES, Maria J. P. Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais. **Rodriguésia**, v. 36, n. 59, p. 61-66, abr./jun. 1984. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rod/a/4RM7OCTjr66Zn4YPmQ4Zhvw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2023.

RIBEIRO, Marlene. Pedagogia da alternância na educação rural/do campo: projetos em disputa. **Educação e Pesquisa**, v. 34, n. 1, p. 27-45, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/KMvYDjXDzMXS4FmpdR7tS6M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 maio 2024.

SANTOS, Fernando S. D. Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia. **História, Ciências, Saúde**, v. 6, p. 919-939, set. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/shvPCndDNbC48RBj8L45nXN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2023.

TEIXEIRA, Edival S.; BERNARTT, Maria L.; TRINDADE, Glademir A. Estudos sobre pedagogia da alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa.

Educação e Pesquisa, v. 34, n. 2., p. 227-242, maio/ago. 2008. Disponível em: scielo.br/j/ep/a/yKbb64ckpSn6r5k3szHTHJJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 29 maio 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **La memoria biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

VÁSQUEZ, Silvia P. F.; MENDONÇA, Maria S.; NODA, Sandra N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica**, v. 44, n. 4, p. 457-472, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4392201400423>. Acesso em: 31 jan. 2023.

VEIGA JÚNIOR, Valdir F. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 18, n. 2, p. 308-313, abr./jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfar/a/XDfhkPszDzzkFMmv8YDyyN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 nov. 2023.

ZETÓLES, Maíra G.; TRAZZI, Patrícia S. S. O ensino por investigação na escola do campo: uma relação entre plantas medicinais e saúde. **Revista Insignare Scientia**, v. 3, n. 4, p. 477-490, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/11831/7562>. Acesso em: 31 jan. 2023.